

Descartes e o racionalismo

Teoria

René Descartes

Nascido em La Haye, na Touraine (antiga província francesa) em 1596, René Descartes descendia de uma família de burgueses dedicados principalmente ao comércio e à medicina, o que lhe garantiu uma boa educação. Em 1606, aos dez anos, iniciou os estudos no célebre colégio jesuíta La Flèche, vejamos como ele relata a sua experiência escolar:

- Alimentei-me de letras desde a minha infância, e, devido ao fato de me terem persuadido de que por meio delas podia-se adquirir um conhecimento claro e seguro sobre tudo o que é útil à vida, tinha extremo desejo de aprendê-las. Porém, assim que terminei todo esse curso de estudos, ao fim do qual costuma-se ser recebido na fileira dos doutores, mudei inteiramente de opinião.

DESCARTES, René. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Coleção Os pensadores, 2ªed. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. X.

A crítica de Descartes, porém, não se dirigia ao sistema de ensino ou aos seus mestres, mas sim aos conteúdos da educação que recebera. As chamadas humanidades (*litterae humaniores*), que consistiam na leitura – em latim – e explicação de textos antigos, sobretudo dos textos de Cícero, seguida de incansáveis repetições, para afastar as dúvidas ou mesmo a filosofia, que abrangia lógica, física, metafísica e moral apresentavam apenas opiniões inseguras e sem qualquer utilidade prática.

Foi justamente na matemática que ele encontrou a solução para a instabilidade e fragilidade dos argumentos das humanidades. A esse respeito ele escreve:

- Eu me comprazia principalmente com as matemáticas, devido à certeza e à evidência de suas razões.

Op. cit., p. XIII.

Descartes, nos *Princípios da Filosofia*, compara a sabedoria a uma árvore, cuja raiz é a metafísica, o tronco, a física e os ramos são as artes que aplicam conhecimentos científicos (a mecânica, a medicina e a moral).

Racionalismo

Na modernidade, com as transformações desencadeadas pela **Revolução Científica**, surge uma nova forma de investigação filosófica chamada **teoria do conhecimento**. Essa nova vertente da filosofia buscava responder, em grande medida, às seguintes questões: De que forma o ser humano alcança o conhecimento? De que maneira ele apreende os objetos externos a ele? Nesse contexto, surgiram duas correntes filosóficas que apresentaram respostas distintas e conflitantes entre si, a saber, o **racionalismo** e o **empirismo**.

Para os racionalistas, que têm Descartes como figura central, a verdade só pode ser alcançada pela razão. Eles partem da ideia de que os sentidos são enganosos e, por esse motivo, incapazes de nos revelar o conhecimento verdadeiro. Somente os princípios lógicos (matemáticos) podem servir de base para os conhecimentos seguros. Nessa perspectiva, todos os homens possuem uma gama de **ideias inatas** (ideias trazidas desde o nascimento).

O método cartesiano

Para Descartes a razão consiste no uso do bom senso para “julgar de forma correta e discernir o verdadeiro do falso”. Mas, embora todos os homens possuam o bom senso, em certa medida, para além de possuí-lo é necessário aplicá-lo bem. E aplicá-lo bem significa aplicá-lo segundo um método. Por isso, em sua obra mais famosa, intitulada *Discurso do método* (1637), Descartes apresenta o **método cartesiano**, composto por quatro regras para bem conduzir a própria razão. Vejamos:

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

O terceiro, o de conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.

Op. cit., p. 39.

As quatro regras descritas acima são chamadas, respectivamente de **regra da evidência**; regra da **análise**; regra da **síntese** e regra da **enumeração**.

Dúvida metódica

Apesar de criticar o ceticismo de sua época, Descartes reconhecia a importância da dúvida na produção do conhecimento filosófico. Afinal, conhecimento sem reflexão é opinião, pois não há o que justifique esse conhecimento como verdadeiro. Por isso, Descartes faz uso da dúvida como instrumento, transformando a proposta do ceticismo numa etapa na construção do conhecimento e não na conclusão sobre ele.

A dúvida cartesiana pode ser caracterizada como **metódica**, porque é ordenada, lógica e tem um desenvolvimento controlado, com um determinado fim. Além disso, ela é também **radical**, porque atinge todo o conhecimento que temos e **hiperbólica** (exagerada), porque considera como falsas todas as opiniões que apresentem o menor indício de dúvida. Em sua obra intitulada *Meditações Metafísicas* (1641), ele demonstra a aplicação da dúvida, bem como quais são as suas etapas. Vejamos:

- **1ª dúvida (argumento dos sentidos):** Já fui mais de uma vez enganado por minha sensibilidade. Ora, se os sentidos já me enganaram uma vez, que garantia tenho eu de que não me enganarão novamente?
O que sobrevive: as impressões sensíveis mais fortes (de minha própria existência, por exemplo).
- **2ª dúvida (argumento do sonho):** Já tive a experiência, inúmeras vezes, de sonhos intensos, que me pareciam profundamente reais. Ora, se já estive dormindo e acreditava estar dormindo, o que me garante que não estou dormindo agora?
O que resiste: os elementos básicos da percepção sensível (cor, tamanho, textura, tempo, etc.) e as verdades matemáticas.
- **3ª dúvida (argumento do gênio maligno):** Ora, e se houver uma ser todo-poderoso que me engana a cada vez em que eu julgo possuir um conhecimento verdadeiro? É possível concebê-lo, portanto é razoável duvidar.
O que resta: aparentemente nada.

Mas, pensando bem, encontramos uma certeza em meio a tanta dúvida. Se **estou duvidando, estou pensando**. Ora, se para duvidar é preciso pensar e só posso pensar se existir, duvidar da minha existência confirma exatamente o contrário, isto é, **que eu existo!** (é justamente aqui que surge aquela famosa frase: *Cogito, ergo sum* ou "**Penso, logo existo**"). Há agora um ponto fixo indubitável. Com base na certeza da sua existência, Descartes passa a deduzir uma série de outras certezas. Nessa reconstrução do edifício do conhecimento, só que agora sob bases seguras, as mais importantes verdades que Descartes acreditou provar foram:

Se é através da minha capacidade de pensar que posso garantir a minha própria existência, mesmo que eu ainda não saiba de qualquer outra coisa (nem se tenho corpo), portanto, é esta capacidade de me pensar que define: minha essência é a racionalidade, é a capacidade de pensar.

Dentre todas as ideias que possuo, ainda sem saber se existe algo além de mim, há uma ideia diferente de todas as outras: a **ideia de Deus**. Esta ideia se diferencia por não dizer respeito a um ser finito, como as outras, mas sim a um ser infinito. Ora, de onde pode me ter vindo esta ideia? Ela não pode ter vindo de mim, pois eu sou um ser finito, enquanto esta ideia é infinita. Como o menor não pode dar origem ao maior, então o finito não pode gerar o infinito. Assim, essa ideia não pode ter sido gerada por mim. Há, portanto, um Ser infinito que pôs esta ideia em mim. A este ser chama-se Deus. Sendo infinito, Deus possui necessariamente todas as perfeições, tanto de poder, quanto morais.

Prosseguindo, se há um Deus perfeitamente poderoso e bom, então o mundo à nossa volta também existe de fato, pois um Deus assim não permitiria que eu me enganasse tão radicalmente a respeito da realidade. É compatível com a bondade infinita de um ser todo-poderoso permitir que eu me engane às vezes, mas não que eu me engane sempre. Graças a Deus, portanto, pode-se dizer com certeza, que o mundo exterior à minha mente é real.

Por fim, se foi a descoberta do cogito, isto é, a descoberta de minha capacidade racional que legitimou todo o meu saber, obtido de modo seguro e, ao contrário, tudo o que eu percebia pelos sentidos era desconfiável, então não há dúvida de que a razão é o fundamento último do conhecimento humano e que só ela nos dá segurança na busca da verdade. Os sentidos, ao

contrário, só têm valor sob o comando da razão. Dessas conclusões Descartes estabelece então que:

- No mundo há apenas duas substâncias, *res cogitans* e *res extensa*.
- A *res cogitans* é a esfera da consciência, da razão e da ideia.
- A *res extensa* é o mundo material, conhecível, mas não confiável.
- O ser humano é composto pelas duas, sendo sua parte essencial a *res cogitans*.
- Deus é uma substância especial, ou separada da existência mundana. Descartes a chama de *res infinita*, definida pelas características que já foram apresentadas.

Descartes formula, então, uma concepção metafísica dualista e idealista, onde a existência é formada por matéria e ideia, sendo a ideia (ou razão) preponderante por ser confiável.

Exercícios de fixação

1. Qual das etapas abaixo **não** faz parte das regras propostas por Descartes para bem conduzir a própria razão?
 - (A) Evidência.
 - (B) Análise.
 - (C) Síntese.
 - (D) Antítese.

 2. Qual das alternativas abaixo apresenta corretamente as características da dúvida cartesiana?
 - (A) Radical, metódica e indutiva.
 - (B) Metódica, radical e empírica.
 - (C) Metódica, radical e hiperbólica.
 - (D) Hiperbólica, radical e insolúvel.

 3. Qual das alternativas abaixo descreve corretamente as etapas da dúvida cartesiana?
 - (A) Argumento dos sentidos; argumento do sonho; argumento do gênio maligno.
 - (B) Argumento do Deus enganador; argumento do sonho; argumento dos sentidos.
 - (C) Argumento do cogito; argumento da res extensa; argumento dos sentidos.
 - (D) Argumento da res extensa; argumento dos sentidos; argumento do sonho.

 4. Apesar de sua dúvida metódica, radical e hiperbólica, Descartes se diferencia dos céticos. Explique.

 5. Explique a importância do método para Descartes.
-

Exercícios de vestibulares



1. (Enem, 2016) Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

DESCARTES. R. Regras para a orientação do espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- (A) investigação de natureza empírica.
- (B) retomada da tradição intelectual.
- (C) imposição de valores ortodoxos.
- (D) autonomia do sujeito pensante.
- (E) liberdade do agente moral.

2. (Enem, 2013) **TEXTO I**

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- (A) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
 - (B) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
 - (C) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
 - (D) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
 - (E) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.
-

3. (Enem, 2012) TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- (A) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- (B) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- (C) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- (D) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- (E) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

4. (Enem, 2019) TEXTO I

Considero apropriado deter-me algum tempo na contemplação deste Deus todo perfeito, ponderar totalmente à vontade seus maravilhosos atributos, considerar, admirar e adorar a incomparável beleza dessa imensa luz.

DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

TEXTO II

Qual será a forma mais razoável de entender como é o mundo? Existirá alguma boa razão para acreditar que o mundo foi criado por uma divindade todo-poderosa? Não podemos dizer que a crença em Deus é “apenas” uma questão de fé.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

Os textos abordam um questionamento da construção da modernidade que defende um modelo:

- (A) centrado na razão humana.
- (B) baseado na explicação mitológica.
- (C) fundamentado na ordenação imanentista.
- (D) focado na legitimação contratualista.
- (E) configurado na percepção etnocêntrica.

5. (Enem, 2021) A filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica; o tronco, a física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral, entendendo por moral a mais elevada e a mais perfeita porque pressupõe um saber integral das outras ciências, e é o último grau da sabedoria.

DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1997 (adaptado).

Essa construção alegórica de Descartes, acerca da condição epistemológica da filosofia, tem como objetivo

- (A) sustentar a unidade essencial do conhecimento.
- (B) refutar o elemento fundamental das crenças.
- (C) impulsionar o pensamento especulativo.
- (D) recepcionar o método experimental.
- (E) incentivar a suspensão dos juízos.



6. (Enem, PPL, 2020) Na primeira meditação, eu exponho as razões pelas quais nós podemos duvidar de todas as coisas e, particularmente das coisas materiais, pelo menos enquanto não tivermos outros fundamentos nas ciências além dos que tivemos até o presente. Na segunda meditação, o espírito reconhece entretanto que é absolutamente impossível que ele mesmo, o espírito, não exista.

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

O instrumento intelectual empregado por Descartes para analisar os seus próprios pensamentos tem como objetivo

- (A) identificar um ponto de partida para a consolidação de um conhecimento seguro.
- (B) observar os eventos particulares para a formação de um entendimento universal.
- (C) analisar as necessidades humanas para a construção de um saber empírico.
- (D) estabelecer uma base cognitiva para assegurar a valorização da memória.
- (E) investigar totalidades estruturadas para dotá-las de significação.

7. (Enem, 2013) Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza.

Nesse contexto, a investigação científica consiste em:

- (A) Expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- (B) Oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- (C) Ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- (D) Explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- (E) Explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

8. (Unesp, 2017) Todas as vezes que mantenho minha vontade dentro dos limites do meu conhecimento, de tal maneira que ela não formule juízo algum a não ser a respeito das coisas que lhe são claras e distintamente representadas pelo entendimento, não pode acontecer que eu me equivoque; pois toda concepção clara e distinta é, com certeza, alguma coisa de real e de positivo, e, assim, não pode se originar do nada, mas deve ter obrigatoriamente Deus como seu autor; Deus que, sendo perfeito, não pode ser causa de equívoco algum; e, por conseguinte, é necessário concluir que uma tal concepção ou um tal juízo é verdadeiro.

(René Descartes. “Vida e Obra”. Os pensadores, 2000.)

Sobre o racionalismo cartesiano, é correto afirmar que

- (A) sua concepção sobre a existência de Deus exerceu grande influência na renovação religiosa da época.
- (B) sua valorização da clareza e distinção do conhecimento científico baseou-se no irracionalismo.
- (C) desenvolveu as bases racionais para a crítica do mecanicismo como método de conhecimento.
- (D) formulou conceitos filosóficos fortemente contrários ao heliocentrismo defendido por Galileu.
- (E) se tratou de um pensamento responsável pela fundamentação do método científico moderno.

9. (Enem, 2014) É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- (A) dissolução do saber científico.
 - (B) recuperação dos antigos juízos.
 - (C) exaltação do pensamento clássico.
 - (D) surgimento do conhecimento inabalável.
 - (E) fortalecimento dos preconceitos religiosos.
10. (Unesp, 2018) De um lado, dizem os materialistas, a mente é um processo material ou físico, um produto do funcionamento cerebral. De outro lado, de acordo com as visões não materialistas, a mente é algo diferente do cérebro, podendo existir além dele. Ambas as posições estão enraizadas em uma longa tradição filosófica, que remonta pelo menos à Grécia Antiga. Assim, enquanto Demócrito defendia a ideia de que tudo é composto de átomos e todo pensamento é causado por seus movimentos físicos, Platão insistia que o intelecto humano é imaterial e que a alma sobrevive à morte do corpo:

(Alexander Moreira-Almeida e Saulo de F. Araujo. "O cérebro produz a mente?: um levantamento da opinião de psiquiatras". Disponível em: www.archivespsy.com, 2015.)

A partir das informações e das relações presentes no texto, conclui-se que

- (A) a hipótese da independência da mente em relação ao cérebro teve origem no método científico.
- (B) a dualidade entre mente e cérebro foi conceituada por Descartes como separação entre pensamento e extensão.
- (C) o pensamento de Santo Agostinho se baseou em hipóteses empiristas análogas às do materialismo.
- (D) os argumentos materialistas resgatam a metafísica platônica, favorecendo hipóteses de natureza espiritualista.
- (E) o progresso da neurociência estabeleceu provas objetivas para resolver um debate originalmente filosófico.

Se liga!

Sua específica é Humanas e quer continuar treinando esse conteúdo?
Clique aqui para fazer uma lista extra de exercícios.

Gabaritos

Exercícios de fixação

1. D

A antítese não pertence às quatro regras propostas por Descartes. Elas são, respectivamente, a regra da evidência; regra da análise; regra da síntese e regra da enumeração.

2. C

A dúvida cartesiana pode ser caracterizada como metódica, porque é ordenada, lógica e tem um desenvolvimento controlado, com um determinado fim. Além disso, ela é também radical, porque atinge todo o conhecimento que temos e hiperbólica (exagerada), porque considera como falsas todas as opiniões que apresentem o menor indício de dúvida.

3. A

Em sua obra intitulada *Meditações Metafísicas* (1641), Descartes demonstra a aplicação da dúvida, que se desenvolve de acordo com as seguintes etapas: 1ª dúvida (argumento dos sentidos); 2ª dúvida (argumento do sonho); 3ª dúvida (argumento do gênio maligno).

4. Apesar de criticar o ceticismo de sua época, Descartes reconhecia a importância da dúvida na produção do conhecimento filosófico. Afinal, conhecimento sem reflexão é opinião, pois não há o que justifique esse conhecimento como verdadeiro. Por isso, Descartes faz uso da dúvida como instrumento, transformando a proposta do ceticismo numa etapa na construção do conhecimento e não na conclusão sobre ele.

5. Para Descartes a razão consiste no uso do bom senso para “julgar de forma correta e discernir o verdadeiro do falso”. Mas, embora todos os homens possuam o bom senso, em certa medida, para além de possuí-lo é necessário aplicá-lo bem. E aplicá-lo bem significa aplicá-lo segundo um método. Por isso, em sua obra mais famosa, intitulada *Discurso do método* (1637), Descartes apresenta o método cartesiano, composto por quatro regras para bem conduzir a própria razão.

Exercícios de vestibulares

1. D

Descartes é o principal filósofo racionalista. Assim sendo, para ele, o conhecimento é resultado de investigações do ser pensante, único capaz de chegar a conceitos verdadeiros.

2. **B**

Como exemplo da radicalidade indicada por Franklin Leopoldo e Silva, vale mencionar que Descartes inicia a segunda meditação com a metáfora de um homem submerso, ele diz: “a meditação que fiz ontem encheu-me de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecê-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona”. Essa metáfora expõe um homem de mãos atadas; voltar para a situação anterior é impossível, porém manter-se no meio do caminho também. A única opção é manter-se trilhando o caminho da dúvida sistemática e generalizada, esperando desse modo alcançar algum ponto firme o suficiente para ser possível apoiar os pés, e nadar de volta para a superfície. Mantendo-se nesse caminho, o filósofo busca o ponto que irá inaugurar uma cadeia de razões da qual ele não poderá duvidar. O chão desse mar no qual o filósofo está submerso é esta única coisa da qual ele não pode duvidar, mesmo se o gênio maligno estiver operando. Tal certeza radical é a certeza sobre o fato de que se o gênio maligno perverte meus pensamentos, ele nunca poderia perverter o próprio fato de que eu devo estar pensando para que ele me engane. Penso, existo é a nova raiz que nutre a modernidade.

3. **E**

Os autores possuem opiniões divergentes no que diz respeito à natureza do conhecimento. Para Descartes, os sentidos não são confiáveis, por isso a formação do conhecimento deve basear-se na razão. David Hume, por sua vez, defende que os sentidos são a fonte de todo o conhecimento. Desse modo, ela faz a distinção entre as “impressões” recebidas pelos sentidos e as ideias que são lembranças, menos intensas, das impressões sensíveis.

4. **A**

Apesar de abordar um tema fundamentalmente religioso, Descartes chega à conclusão de que Deus existe apoiado na razão, através de sua dúvida hiperbólica. Esse é o passo seguinte à conclusão do “*cogito ergo sum*”. Sua abordagem racional é a base das transformações da modernidade.

5. **A**

A epistemologia cartesiana aponta para uma concepção de filosofia próxima a tradição clássica, mais notadamente aristotélica, que afirma que a filosofia é essencialmente una. Para Descartes, o conhecimento é uma manifestação única que se complementa nas diversas áreas da filosofia. Tanto o conhecimento natural quanto o conhecimento moral fazem parte de um mesmo sistema filosófico.

6. **A**

Apesar de criticar o ceticismo de sua época, Descartes reconhecia a importância da dúvida na produção do conhecimento filosófico. Afinal, conhecimento sem reflexão é opinião, pois não há o que justifique esse conhecimento como verdadeiro. Por isso, Descartes faz uso da dúvida como instrumento, transformando a proposta do ceticismo em uma etapa para a consolidação de um conhecimento seguro.

7. **C**

Adquirir conhecimentos sólidos e fundamentados sobre os fenômenos que nos rodeiam torna o mundo compreensível e permite ao ser humano exercer um controle sobre a natureza. Exercer esse controle foi parte do projeto iluminista, representado pela máxima de Francis Bacon “*Scientia potentia est*” (conhecimento é poder). Do mesmo modo, Descartes defende que o conhecimento e o domínio da natureza são úteis, na medida que satisfazem as nossas necessidades, por meio da invenção de uma infinidade de utensílios e favorecem a conservação da saúde.

8. E

René Descartes propõe a matematização da filosofia, uma abordagem lógica e encadeada. Esse modelo de pensamento tem uma abordagem dedutiva no que diz respeito ao método de aferição de conhecimento. Isso significa dizer que seu método busca atribuir ao conhecimento o valor de verdade pela verificação, o que é a característica principal da ciência.

9. D

É a dúvida metódica, radical e hiperbólica que conduz Descartes à conclusão da própria existência, através do *cogito*, isto é, do pensamento. Esta é a primeira certeza e, portanto, o primeiro conhecimento inabalável, que serve de base para todas as demais certezas.

10. B

A alternativa B aponta a concepção metafísica de Descartes, que concluiu através de sua dúvida hiperbólica que a coisa pensante pode ter sua existência comprovada independentemente de sua manifestação concreta e material. Para ele, há a coisa que existe porque pensa (*res cogitans*), a mente humana, e a coisa que apenas existe na extensão do tempo e do espaço (*res extensa*), as coisas concretas que existem no mundo, como o corpo humano.
